

ZANU saberá guiar todo o povo

SAMORA 840809

à edificação de um país unido

— Presidente Samora Machel ao discursar ontem em Harare

Ao discursar ontem a tarde no 2.º Congresso da ZANU, que tem lugar em Harare, o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, pronunciou um discurso que passamos a transcrever na íntegra:

Camarada Robert Gabriel Mugabe, Presidente da ZANU (FP),

Senhores Chefes de Estado, Excelências,

Estimados convidados, Camaradas delegados,

Foi com profunda emoção que celebrámos, às 11 horas desta manhã, o vigésimo primeiro aniversário do vosso Partido. A alegria e entusiasmo, com que o povo do Zimbabwe festejou esta data, associou-se todo o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo.

Nesta emoção, vivemos convosco duas décadas de luta. Recordámos a humilhação, o sofrimento do povo, os massacres coloniais. Vivemos as noites de esperança e de revolta, a justiça das acções clandestinas, e a emoção do trabalho organizativo.

Sentimos a dureza da mata e dos combates, o cansaço das grandes caminhadas. Revivemos a coragem e a generosidade do povo, recordámos a memória dos companheiros caídos na longa marcha.

Partilhámos a alegria imensa da consagração da vitória alcançada.

Esta evocação foi um momento grande, neste grande acontecimento que é o II Congresso da ZANU (FP).

E com esta emoção profunda que vos trazemos os mais fraternais e calorosas saudações dos militantes do Partido Frelimo e do Povo moçambicano.

Estamos aqui para vos transmitir a nossa alegria e a nossa solidariedade, mas também para vos realçar a confiança que depositamos no futuro brilhante deste grande Povo Zimbabweano, dirigido pelo Partido que o conduziu à vitória.

Nesta celebração da vitória, queremos render a mais sentida homenagem a todos quantos se sacrificaram para que hoje possamos, em liberdade, estar reunidos na Pátria Zimbabweana, soberana e independente.

Evocamos, com respeito, a memória dos heróis caídos em combate e na luta clandestina, dos milhares de mártires da causa da independência nacional.

Queremos igualmente render homenagem ao exemplo de coragem, de abnegação e de amor à Pátria dos heróis vivos, muitos dos quais se encontram presentes neste Congresso.

O Zimbabwe é hoje a República do Zimbabwe, país livre e independente.

cidadão deste país, são também o orgulho do Povo moçambicano e de todos os povos amantes da liberdade, da Paz e do Progresso. Elas são a vossa contribuição preciosa para a luta comum que todos travamos pela erradicação definitiva do colonialismo do nosso Continente.

No Zimbabwe, como em Moçambique, a criminosa dominação colonial faz parte, já, da memória dos nossos povos.

Mas é nossa responsabilidade transmitir às novas gerações, é nosso dever ensinar-lhes o longo e difícil processo que transformou as nossas lágrimas e a nossa dor nos frutos que elas hoje podem colher e reproduzir.

E nossa obrigação explicar como o colonialismo é um crime, uma agressão brutal à dignidade e liberdade dos homens.

A exploração e pilhagem das nossas riquezas e do nosso trabalho eram apenas os seus aspectos mais evidentes.

As novas gerações devem conhecer como o colonialismo se erguia sobre a humilhação dos colonizados.

A destruição da personalidade dos nossos povos, o desprezo profundo pela nossa cultura, o estigma odioso da segregação racial, eram os fundamentos da sociedade de dominação colonial.

A política sistemática do colonialismo visava marginalizar os nossos povos do progresso da humanidade, condenar-nos ao analfabetismo, à ignorância e à superstição, limitar os nossos horizontes à dimensão da tribo, impedir o nascimento de uma consciência nacional e patriótica.

Era esta a dimensão do inimigo que vencemos.

A independência política que conquistámos, criou as condições para que todos os homens fossem iguais perante a sociedade. A independência restituiu o valor da vida. Ela rasgou as trevas da ignorância e devolveu a cada homem a consciência de que é o agente transformador da Natureza e o único construtor da própria felicidade.

A independência libertou o trabalho e o trabalhador. Ela mostrou-nos como o trabalho manual e o trabalho intelectual são duas faces da mesma moeda, os dois igualmente dignos, igualmente criadores, igualmente fundamentais para a consolidação da liberdade e do progresso.

A independência proporcionou à mulher a possibilidade de assumir um papel decisivo nas grandes tarefas da Reconstrução Nacional.

A juventude, hoje, sem o estigma da humilhação e do racismo, vê abertas as portas do conhecimento político, cultural, técnico e científico que permitirá vencer o subdesenvolvimento e continuar a Revolução.

Homens e mulheres aprendem hoje

Milhares de combatentes da liberdade foram enforcados nas prisões do colonialismo.

Mas cada família, cada militante, soube transformar a dor e o luto em determinação renovada para continuar a luta.

As vitórias militares do Povo moçambicano e do Povo zimbabweano sobre dois exércitos modernos e po-

culares convenientemente a população, não temos luz e água canalizada nas nossas casas.

Ainda não alimentamos suficientemente as nossas crianças, os nossos jovens, as nossas mulheres, os nossos trabalhadores. Ainda não temos escolas e hospitais ao alcance de toda a população.

A independência económica é com-

pletamente indissociável do processo de libertação nacional que iniciámos quando pegámos em armas. Ela realiza-se numa conjuntura internacional em que a correlação de forças é extremamente difícil para as nações subdesenvolvidas.

Os nossos países ocupam um lugar que lhes foi previamente determinado pela estratégia internacional de exploração capitalista e pela política militarista global do imperialismo.

A luta pela independência económica representa a decisiva ameaça de ruptura deste escalonamento de forças.

Por isso, o inimigo reage com brutal violência, com grande articulação e com sofisticada subtilidade.

As balas de açúcar que dispara contra nós provocam, em muitos dos nossos compatriotas, feridas mais dilacerantes do que as balas de aço do exército colonial.

A luta pela independência económica exige mais determinação, mais unidade, mais consciência.

A nossa experiência ensina-nos que o inimigo da independência económica pode às vezes ser mesmo o nosso irmão, o nosso primo, o nosso colega de trabalho e, até, um membro do Partido.

Outros, na prática quotidiana, em nome do legalismo ou de tecnicismos opõem-se ao avanço da Revolução.

Quando a independência económica surge allargada numa sólida experiência de resistência e luta armada, a acção inimiga assume a forma de agressão directa ou através do seu prolongamento que são os bandidos armados.

Os bandidos armados, em qualquer país onde actuem, são parte da mesma estratégia inimiga.

Eles são um único projecto aplicado no Zimbabwe, em Moçambique e em Angola, países que fizeram a luta armada, e no Lesotho, que é exemplo de um rico património de luta e de resistência.

Camaradas Delegados,

A luta contra o subdesenvolvimento e pela independência económica, para ser vitoriosa, exige que levemos o processo da descolonização a todos os aspectos da nossa vida.

Em Moçambique levámos, por isso, o combate a todas as frentes: política, social, económica, cultural e ideológica.

Isto significou preocuparmo-nos com questões que vão desde a transformação da natureza do Estado e do Apartheid Estatal deixado pelo colonialismo, até à criação de um sistema nacional de educação e de uma nova estrutura de assistência médico-sanitária.

Modificámos o sistema judicial e penal existente. Desenvolvemos uma acção constante na busca de novas

fomentamos o movimento associativo e o movimento cooperativo. Criámos, a partir da base, uma nova organização sindical que promove o aumento da capacidade política, cultural, técnica e científica dos trabalhadores, estimula a emulação socialista

política, desestabilizadora de

para nós, de semana para semana, quase de dia para dia, que as vitórias que se sucediam tornavam cada vez mais iminente o derrube do regime colonial.

A esperança da paz, que a vitória do Povo do Zimbabwe nos trouxe, seguiu-se a dura realidade da agressão sul-africana.

As duas décadas de luta armada contra a opressão e a agressão fortaleceram a unidade nacional.

O conhecimento da verdadeira natureza anti-patriótica e criminoso do inimigo que nos agride consolidou o amor à Pátria e a consciência da nossa identidade nacional.

Na realidade concreta da confrontação com o inimigo ficámos a conhecer ainda melhor o nosso País e o nosso Povo. Pudemos assim rectificar erros e aprofundar as raízes populares da nossa Revolução.

Camaradas Delegados,

O Povo trabalhador e combatente do Zimbabwe gerou no seu ventre ilustres filhos de que toda a África e a humanidade progressista se orgulham.

Chief Tangwena, Leopold Takwira, Georges Silundka, Herbert Chiltepo, Jason Moyo, Josiah Tongogara são nomes que não pertencem apenas à História do Zimbabwe, mas que estão gravados a ouro no Livro da Libertação de África.

Mas, de entre os filhos ilustres do Povo zimbabweano, permitam-me que destaque a figura do dirigente indiscutível, querido e respeitado por toda a Nação zimbabweana, o Camarada Presidente Robert Gabriel Mugabe.

Herói da Luta Armada de Libertação Nacional, o Camarada Robert Gabriel Mugabe representa o exemplo do dirigente revolucionário firme e esclarecido, dedicado à causa da Pátria e do Povo.

Ele personifica os ideais mais nobres de liberdade, de justiça, de progresso, de unidade nacional, de igualdade entre todos os zimbabweanos.

Ele é o símbolo do passado da luta, do presente de trabalho e sacrifício, do futuro de esperança e socialismo.

Camarada Robert Mugabe, reafirmamos-te, aqui, neste II Congresso da ZANU (FP), a grande estima, respeito e admiração que te dedica o Povo moçambicano e o Partido Frelimo.

Camaradas Delegados,

Estamos aqui para vos dizer a nossa certeza de que a ZANU (FP), herdeira das tradições patrióticas dos grandes heróis desta Nação, saberá, sob a direcção do Camarada Presidente Robert Mugabe, guiar todo o

Acordo de Nkomati é expressão da nova situação que se criou na re-

Vivemos ainda intimamente marcados pelas concepções do antigo colono. A sua cultura é, ainda, para muitos, um ponto de referência que admiram e procuram imitar.

Esta atitude reflecte um complexo de inferioridade.

O nosso processo ensina-nos que é vital que cada um de nós encontre a própria identidade, forme a própria personalidade enraizadas na terra que é sua e no povo de que faz parte, inspiradas na especificidade da nova nação a que pertence.

Para isso é importante realizar a síntese da nossa cultura secular com as exigências concretas da sociedade nova que se está a edificar.

Esta é uma tarefa delicada e complexa. Mas só através dela se cria o Homem Novo.

Este combate dá-nos novos olhos para ver o nosso País, para compreender toda a dimensão da Pátria, para descobrir os valores inimitáveis da unidade nacional e da igualdade e amor entre todos os homens.

Camaradas Delegados,

Os vinte anos de Luta Armada que em Moçambique celebrámos no próximo dia 25 de Setembro, testemunham as ricas tradições de resistência, de coragem e de amor à liberdade que caracterizam o nosso Povo.

Após dez anos de Luta Armada de Libertação Nacional, o Povo moçambicano preparou-se para a árdua tarefa da reconstrução nacional.

Engajado no duplo objectivo de vencer o analfabetismo, e de tomar nas próprias mãos a responsabilidade do desenvolvimento económico, o Povo moçambicano viu-se atacado e agredido pelo regime minoritário de Smith. Ao livro e à enxada juntou mais uma vez a espingarda para defender a Pátria libertada.

A solidariedade com a vossa luta foi expressão da vontade do Povo moçambicano, fruto de uma identidade histórica que nasce nos impérios de Gaza e Monomotapa.

A vossa justa luta, a sua dinâmica, o heróismo dos guerrilheiros, a certeza na vitória que animava os patriotas zimbabweanos, foram o principal motor do grande entusiasmo popular que vivem em Moçambique.

Na vossa luta vivamos, de mês

gão, mas ele não marca o fim dos desígnios de dominação imperialista. A nova situação criada exige o reforço da unidade e coesão nas nossas fileiras, a consolidação do pensamento comum no seio dos países da Linha da Frente e da SADCC.

A obstinação do imperialismo e do racismo em destruir a nossa Revolução mostra-nos quanto é justo o caminho que escolhemos — a edificação do Socialismo.

Na nossa Pátria, a Revolução vencerá, o Socialismo triunfará!

Muito Obrigado.



Em Agosto de 1980, o Presidente Samora Machel visitou o Zimbabwe independente: a mensagem da grande amizade e solidariedade, a alegria da grande vitória sobre as forças colonizadoras

derosos, constituiu um rude golpe na estratégia de dominação regional.

O efeito das nossas vitórias foi cultural e psicológico porque destruiu o mito da superioridade racial e demonstrou a força imparável do povo unido e organizado.

O efeito das nossas vitórias foi político e económico porque abateu profundamente o plano de exploração regional que fazia da República da África do Sul a metrópole, na zona, de uma constelação neo-colonial.

Saudamos o brilhante relatório do Comité Central, apresentado pelo Camarada Robert Mugabe. Ele ilustra de forma eloquente, este glorioso passado de luta.

Ele é uma afirmação inequívoca da nossa personalidade de africanos



Os combatentes da liberdade zimbabweanos tinham no povo, um aliado natural na sua luta contra o regime racista de Ian Smith. Foi essa aliança que permitiu à ZANU, a grande vitória nas eleições de 1980, que levaram o seu Presidente, Robert Mugabe, a formar o governo na Pátria zimbabweana, livre e independente

A independência política foi conquistada. O povo é soberano: já nenhum zimbabweano é estrangeiro na sua própria Pátria.

Estes foram os objectivos que a ZANU se propôs alcançar em 8 de Agosto de 1963. Hoje, com orgulho, os militantes da ZANU (FP) podem dizer missão cumprida!

Neste Congresso, em liberdade, os militantes consolidam o seu Partido, que assumiu a tarefa histórica de unir e dirigir a Nação zimbabweana.

As vitórias que este II Congresso celebra e que são o orgulho de cada

a amar-se e a respeitar-se como seres humanos com iguais direitos, iguais oportunidades.

Estas são já algumas decisivas conquistas da Revolução.

Elas foram possíveis porque o Povo zimbabweano decidiu pegar em armas para construir a própria felicidade.

O povo aceitou enormes sacrifícios. Milhares de compatriotas foram sacrificados pelo exército colonialista.

que, nas nossas próprias terras, sabemos decidir o nosso futuro.

Camaradas Delegados,

Como afirmou esta manhã o Camarada Robert Mugabe, uma nova frente de luta se abre depois de consolidada a tomada do poder político: a luta pela Independência económica.

O subdesenvolvimento persiste nos nossos países.

Os nossos povos ainda não estão calçados e vestidos. Ainda não alo-